

TERMÔMETRO ANAMACO

1. PANORAMA DA CONJUNTURA

As expectativas para o crescimento do PIB brasileiro em 2021 já se consolidaram no patamar acima de 5%. Segundo a edição do Boletim Focus de 9 de julho, a mediana das projeções do mercado era de 5,26%. Quatro semanas antes, esse indicador era de 4,85%. A evolução mais favorável do número de mortes e casos de Covid-19 certamente está contribuindo com a melhora nas expectativas, apesar das incertezas que ainda são grandes no campo da saúde. Estas, por sua vez, tem sido potencializadas pelo clima político também bastante incerto por conta da evolução dos trabalhos da CPI do Senado.

No campo das expectativas que estão cada vez mais consolidadas, passada a primeira metade do ano corrente, também se destaca a inflação. A alta de preços tem sido mantida por sucessivas ondas que tiveram início em 2020, por conta da desorganização de algumas cadeias produtivas – logo após o início da pandemia –, o que se somou ao impulso de demanda gerado pelo pagamento do auxílio emergencial ainda no primeiro semestre e pela rápida recuperação da atividade econômica a partir de setembro. Em 2021, apesar do ritmo mais lento de recuperação, a alta dos preços das commodities e a preservação de uma taxa de câmbio ainda bastante alta somou-se ao aumento do custo da energia elétrica em razão do nível crítico dos reservatórios.

Por que a taxa de juros dos EUA interessa ao varejo de materiais?

Segundo o Banco Central, o índice de preços das commodities (em R\$) teve elevação acumulada de 51% no acumulado em 12 meses até junho. Essa alta teve impacto em alguns dos materiais de construção mais relevantes, como aço (vergalhão), tubos e conexões de PVC, produtos de cobre (tubos, fios e cabos), dentre outros.

Em parte, essa alta de preços se deve à taxa de câmbio, ainda muito elevada. Mas também foi causada pela alta das cotações internacionais das commodities. Estas, por sua vez, tendem a ocorrer devido, em parte, à especulação com estoques que ocorrem de forma mais intensa nos períodos em que as taxas de juros internacionais estão muito baixas, como agora. Daí ser do interesse do varejo de materiais o futuro dos juros, especialmente nos EUA.

Tabela 1. Brasil – indicadores selecionados de 2020 e mediana das projeções de mercado do Relatório Focus para 2021-22

	2020	2021	2022
PIB	-4,1%	5,26%	2,09%
IPCA*	4,5%	6,11%	3,75%
Selic*	2,0%	6,63%	7,00%
Taxa de câmbio (R\$ por US\$)*	5,20	5,05%	5,20%

*Final de período.
Fonte: Banco Central.

Assim, o cenário mais provável para o pós-pandemia – compreendido como o período posterior à imunização completa de pelo menos 70% da população adulta – pode ser resumido como um “retorno ao crescimento com restrições inflacionárias”. Estas restrições, por sua vez, são o fundamento do ciclo de alta de juros, já em curso, que deverá impor mais um contrapeso ao próprio crescimento, com impactos sobre as vendas a prazo em geral, incluindo aquelas feitas no varejo de materiais de construção.

Quanto ao ano de 2022, apesar das dificuldades de projeção, o mercado espera um ritmo de crescimento mais lento, possivelmente por conta do ano eleitoral que, tradicionalmente, desacelera o ritmo de atividade (ver Tabela 1, acima).

2. ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TERMÔMETRO

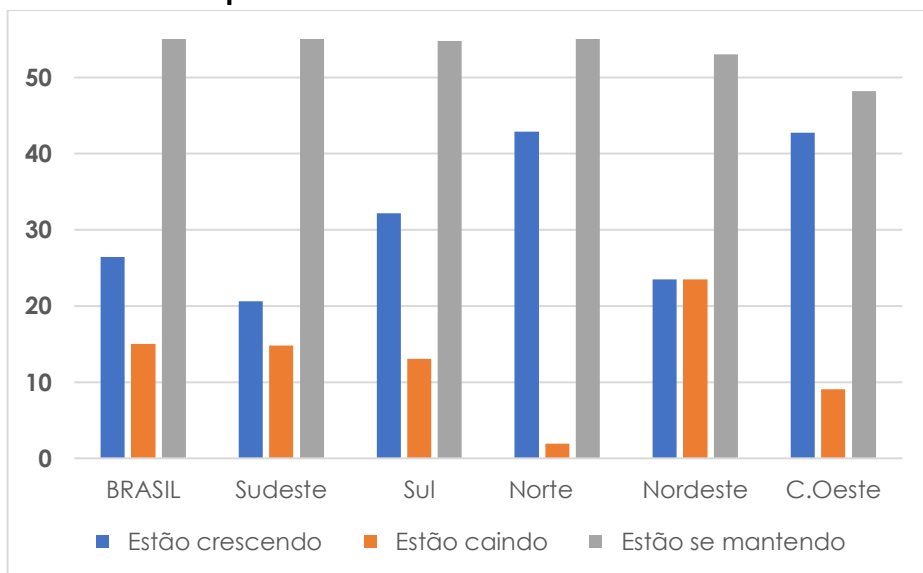
2.1 Vendas nos últimos três meses

A percepção dos participantes do *tracking* ANAMACO com relação às vendas nos três meses encerrados em junho revelou clara acomodação frente ao mês anterior, com leve tendência pessimista.



Como mostrado no Gráfico 1, em nível nacional, as notificações de alta nos últimos três meses recuaram 2 p.p., passando de 28% para 26% entre maio e junho. Já as assinalações de queda permaneceram praticamente estáveis, passando de 16% para 15% no mesmo período. Por sua vez, o sentimento de estabilidade foi apontado por 59% dos entrevistados contra 56% no mês anterior. Como se vê, o sentimento de manutenção das vendas continua sendo predominante, como nas edições anteriores.

Gráfico 1. Brasil e Grandes Regiões: Percentual de assinalações sobre o comportamento das vendas nos últimos três meses



Fonte: Tracking ANAMACO.
Elaboração: FGV-IBRE.

No recorte regional (ver Gráfico 1), nota-se que as assinalações de estabilidade ficaram acima de 50% em todo o país, à exceção do Centro Oeste (48%), como no mês anterior. Porém, mesmo no Centro Oeste houve recuo das assinalações de alta, que passaram de 46% para 43%.

Primeira série anual do Termômetro ANAMACO

A parceria entre FGV-IBRE e ANAMACO completa um ano neste mês de junho.

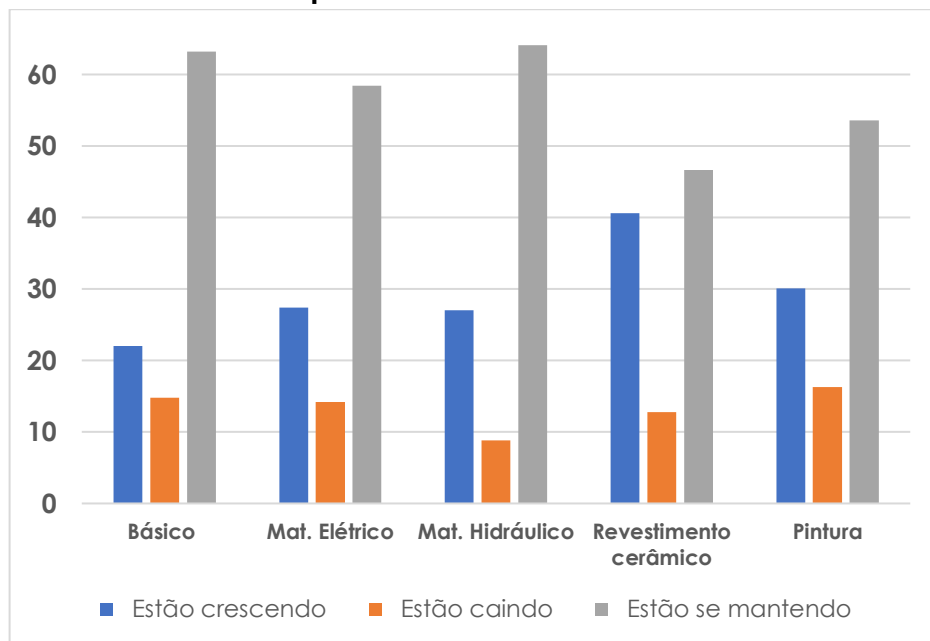
Com isso, já é possível fazer as primeiras comparações interanuais (mês contra mesmo mês do ano anterior).

Entre junho de 2020 e junho de 2021, as assinalações positivas quanto às vendas nos três últimos meses predominavam (42%), tendo caído para apenas 26%. O mesmo ocorreu com a avaliação positiva sobre o mês corrente, que passou de 46% para 33%. Já as expectativas para os próximos três meses estão em patamar bem mais favorável na atualidade, tendo passado de 45% para 59% no mesmo período.

Essas comparações precisam ser feitas com atenção especial, considerando as incertezas geradas pela pandemia em 2020 e as esperanças trazidas pelo avanço da vacinação no ano em curso.

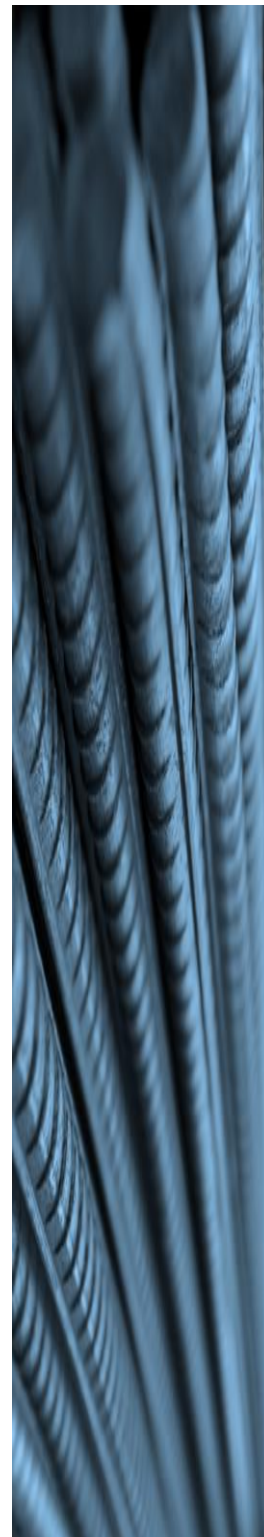
Esse recuo nas assinalações de alta nos três meses encerrados em junho também foi registrado no Sudeste, onde o percentual de respostas positivas passou de 22% para 21%, e no Sul, de 37% para 32%. Elevações nessas respostas foram observadas no Norte, de 38% para 43%, e no Nordeste, de 21% para 23%, sempre na comparação entre maio e junho.

Gráfico 2. Brasil: Percentual de assinalações sobre o comportamento das vendas nos últimos três meses segundo principal categoria de produto comercializada



Fonte: Tracking ANAMACO.
Elaboração: FGV-IBRE.

Considerando os estabelecimentos segundo a principal categoria de produto comercializada, os números da pesquisa ANAMACO revelaram o aumento da percepção de estabilidade nas vendas no trimestre encerrado em junho. Essa foi a assinalação predominante em todos os segmentos, inclusive os especializados em revestimento cerâmicos que, na edição anterior, ainda mostravam predominância da percepção de alta. Em



todos os demais segmentos, a percepção de estabilidade foi superior a 50% em junho (ver Gráfico 2)

Considerando os estabelecimentos segundo o número de empregados, houve piora nas respostas dadas pelas menores revendas. Assim, nos estabelecimentos com até 4 empregados, as assinalações positivas quanto às vendas nos últimos três meses passaram de 23% para 14% entre maio e junho e, nas revendas com entre 5 e 9 empregados, de 26% para 18%. No outro extremo, os grandes *homecenters* (mais de 99 empregados) se mostraram ainda mais otimistas em junho: 68% de respostas positivas contra 52% no mês anterior. O menor otimismo dos pequenos não parece ser sazonal, pois esse padrão não foi registrado em junho de 2020.

No recorte por tamanho de *showroom* não foi observado esse padrão de respostas, com menor otimismo dos pequenos. As assinalações de crescimento das vendas nos últimos três meses variaram entre 20% e 43%, sem correlação clara com o porte das lojas.

2.2 Vendas em junho

Os números referentes ao mês de junho, revelados pela pesquisa ANAMACO, sugerem maior polarização entre as respostas otimistas e pessimistas que representaram 33% e 23% das assinalações, respectivamente. Com isso, a diferença entre as percepções otimista e pessimista se reduziu de 12 p.p. para 10 p.p. entre maio e junho.

Em junho de 2020, quando a pandemia estava em fase de ascensão, mas os pagamentos do auxílio emergencial já tinham sido iniciados, as assinalações positivas quanto às vendas do mês corrente predominavam (46%), superando as negativas em 30 p.p.

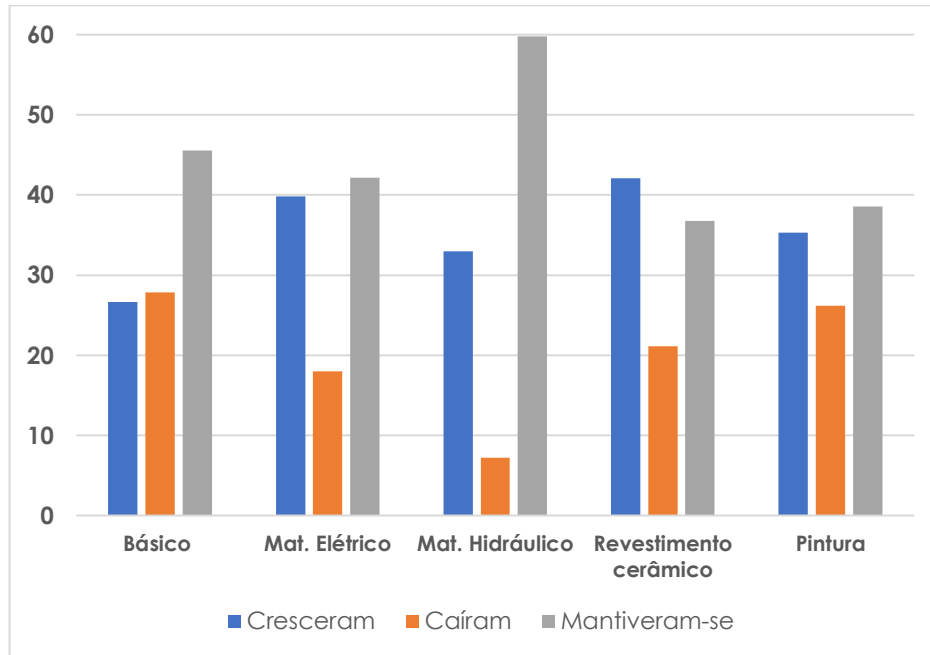
A Confiança do Consumidor em junho

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC) do FGV-IBRE subiu 4,7 pontos em junho, para 80,9 pontos, maior valor desde novembro de 2020 (81,7 pontos).

Em junho, houve melhora tanto da percepção dos consumidores sobre o momento atual quanto das expectativas em relação aos próximos meses.

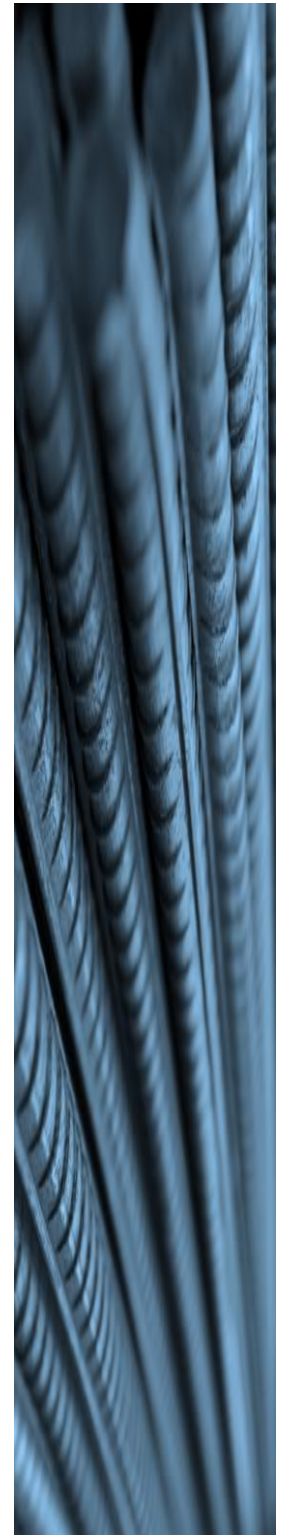
O Índice de Situação Atual (ISA) subiu 2,9 pontos, para 71,6 pontos, enquanto o Índice de Expectativas (IE) cresceu 5,9 pontos, para 88,3 pontos. Com isso ambos atingiram o maior patamar desde novembro de 2020, mas permanecem na faixa de pessimismo (abaixo de 100).

Gráfico 3. Brasil: Percentual de assinalações sobre o comportamento das vendas em maio segundo principal categoria de produtos oferecidos em cada estabelecimento pesquisado



Fonte: Tracking ANAMACO.
Elaboração FGV-IBRE.

Voltando a junho do ano atual, em termos regionais, houve boa melhora nas assinalações positivas no Norte e no Nordeste, regiões onde as respostas otimistas passaram de 35% para 45% e de 26% para 37%, respectivamente. Aumento mais discreto nessas assinalações foi registrado no Sudeste – de 26% para 28%. Houve ligeiro recuo no Sul, de 37% para 35%, e no Centro Oeste, de 47% para 43%, sempre entre maio e junho.



Como observado na percepção sobre os últimos três meses, com relação às vendas de junho os maiores níveis de otimismo ficaram por conta dos maiores varejistas. Considerando as revendas por porte, nas lojas com até 4 empregados as assinalações de crescimento em junho foram de 23% das respostas (24% em maio). Já entre os grandes *homecenters* (mais de 99 empregados), esse indicador chegou a 59% no último mês (54% em maio). Nesta categoria, porém, observou-se grande aumento na polarização, pois as assinalações de queda passaram de 8% para 18% dos entrevistados. Com isso, a diferença entre as percepções de alta e de queda nas vendas no mês corrente entre os grandes varejistas passou de 46 p.p. para 41 p.p., sempre entre maio e junho.

Como em maio, a percepção de estabilidade nas vendas do mês de junho foi predominante em todos os segmentos de especialização, exceto no caso de revestimentos cerâmicos (ver Gráfico 3). Nesse segmento, as assinalações de alta superaram as demais, apesar de terem recuado de 56% para 42%. Em todos os segmentos, a percepção otimista superou a pessimista, exceto no caso das revendas especializadas em produtos básicos, nas quais ambas as assinalações foram praticamente idênticas: 27% e 28%, respectivamente.

2.3 Expectativas para os próximos meses

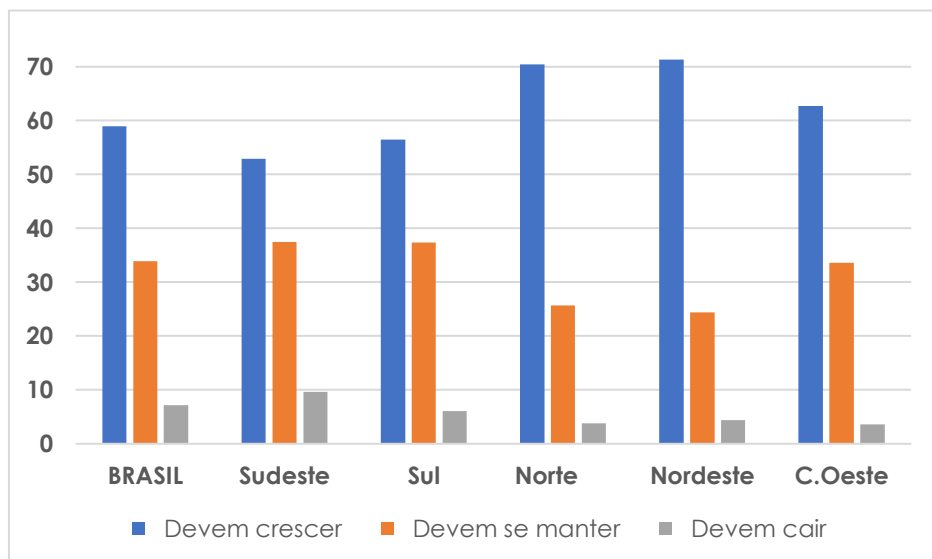
Diferentemente de outros indicadores da edição atual do Termômetro, as expectativas otimistas sobre as vendas nos próximos meses tiveram alta significativa em junho frente ao mês anterior, tendo chegado a 59% contra 49% em maio. Ao mesmo tempo, as assinalações de queda e de estabilidade recuaram: 2 p.p. e 7 p.p., respectivamente, sempre frente a maio.

Serviços em alta

Segundo o IBGE, em maio (resultado mais recente), o volume de serviços no Brasil avançou 1,2% ante abril, na série com ajuste sazonal. Com isso, o crescimento acumulado em dois meses chegou a 2,5%, recuperando parte do recuo registrado em março (-3,4%). Com isso, o setor de serviços volta a ultrapassar o nível pré-pandemia, já que se encontra 0,2% acima do patamar de fevereiro de 2020.

Na série sem ajuste sazonal, frente a maio de 2020, o setor avançou 23,0%, a terceira taxa positiva seguida e a mais intensa da série histórica, iniciada em janeiro de 2012. O acumulado no ano chegou a 7,3% e o acumulado em 12 meses, a -2,2%.

Gráfico 4. Brasil e Grandes Regiões: Percentual de assinalações sobre o comportamento esperado das vendas nos próximos três meses



Fonte: Tracking ANAMACO.
Elaboração: FGV-IBRE.

Essa predominância ampla das expectativas de crescimento futuro das vendas foi observada em todo o país (ver Gráfico 4). Em todas as cinco regiões, as assinalações otimistas superaram a marca de 50%. Em sentido oposto, as expectativas de queda são muito baixas e nunca superiores a 10% e as de estabilidade se situaram entre 24% (Nordeste) e 37% (Sul e Sudeste).

O diferencial entre indicações de crescimento e de queda nas vendas futuras (próximos três meses) chegou a 67 p.p. no Norte e no Nordeste, sendo de “apenas” 43 p.p. no Sudeste.

Considerando os varejistas segundo as principais categorias de produtos vendidos, os resultados de junho mostram que em todas as especialidades as projeções de crescimento superaram a marca de 50% e o diferencial entre as expectativas otimistas e pessimistas ficou sempre acima de 40 p.p.

A Confiança Empresarial em junho

O Índice de Confiança Empresarial (ICE) do FGV-IBRE subiu 4,3 pontos em junho, para 98,8 pontos, o maior nível desde dezembro de 2013. Após a terceira alta consecutiva, a média do segundo trimestre de 2021 superou a do trimestre anterior em 7,2 pontos.

A alta do ICE foi motivada pela melhora tanto das avaliações sobre o momento atual quanto das expectativas para os próximos meses.

O Índice de Situação Atual Empresarial (ISA-E) subiu 4,3 pontos, para 98,1 pontos. O Índice de Expectativas (IE-E) subiu 4,4 pontos, para 100,9 pontos, o maior nível desde fevereiro de 2020. Todos os setores que integram o ICE registraram alta no mês. A indústria e o setor de serviços contribuíram com mais de 80% para a variação da confiança no mês.

Considerando o porte das empresas segundo o número de funcionários, os mais otimistas foram, novamente, as revendas maiores. Assim, na categoria de lojas com até 4 empregados, as assinalações de alta representaram 52% das respostas. Mas, nos grandes *homecenters* (mais de 99 empregados), esse indicador chegou a 65% em junho.

Esse padrão não foi observado quando o critério de porte dos varejistas foi o tamanho do *showroom*. Assim, as assinalações otimistas quanto às vendas nos próximos três meses foram majoritárias em todas as categorias, variando entre 50% e 68% sem correlação clara com o porte dos estabelecimentos.

2.4 Avaliação das ações do governo esperadas para os próximos 12 meses

Em junho, as expectativas positivas quanto às ações do governo nos próximos 12 meses tiveram ligeira melhora frente ao mês anterior (ver Gráfico 5). As assinalações otimistas passaram de 53% para 55%, mas as pessimistas também avançaram, passando de 15% para 17%. Com isso, a diferença entre essas respostas permaneceu em 38 p.p.

Em termos regionais, mantendo o padrão registrado em maio, as assinalações otimistas superaram a marca de 55% em todas as regiões, exceto no Sudeste, onde passaram de 45% para 49%. O maior diferencial entre as percepções otimistas e pessimistas chegou 56 p.p. no Centro Oeste, sendo de “apenas” 30 p.p. no Sudeste.

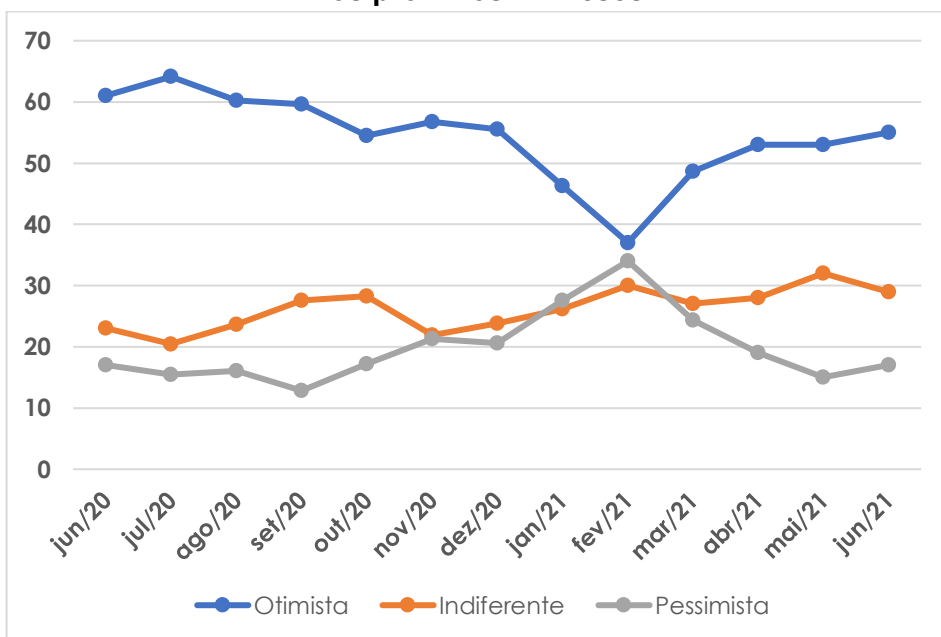
Considerando o porte das revendas por número de empregados, observa-se uma homogeneidade muito grande. As assinalações positivas ficaram sempre entre 53% e 56% em todas as categorias.

Como se vê no Gráfico 5, desde o início da atual parceria entre FGV-IBRE e ANAMACO há um ano, houve duas fases distintas para a avaliação quanto às ações esperadas do governo. Partindo de um patamar



muito favorável – mais de 60% de assinalações positivas –, essa avaliação se reduziu progressivamente até fevereiro deste ano, momento em que se combinaram o agravamento sem precedentes da pandemia, a aceleração inflacionária e a ausência de pagamentos do auxílio emergencial.

Gráfico 5. Brasil: Percentual de assinalações Relativas às expectativas das ações do governo nos próximos 12 meses



Fonte: Tracking ANAMACO.
Elaboração: FGV-IBRE.

Desde aquele “fundo do poço” em fevereiro, as expectativas positivas têm melhorado continuamente, ao que tudo indica, *pari passu* com o avanço da vacinação, mas a volta do auxílio emergencial também deve ter contribuído com esse movimento.



Cabe, no entanto, a questão: Frente à possibilidade de superação da pandemia nos próximos meses, por que ainda estamos tão distantes dos níveis elevados de assinalações favoráveis de junho de 2020?

Uma explicação possível reúne ao menos três elementos para além da evolução da pandemia e do auxílio emergencial:

- Há um ano, o início do isolamento social deu um impulso inesperado à demanda das famílias por materiais de construção, o que pode ter influenciado a avaliação quanto às ações futuras do governo à época;
- A inflação muito baixa preservou a renda e favoreceu o desempenho setorial no ano passado; e
- As taxas de juros reduzidas favoreceram as vendas a prazo.

Todos esses fatores podem ser associados às ações do governo no ano passado e já não estão presentes agora, em meados de 2021.

3. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

Retomando a análise iniciada na seção 1 desta edição do Termômetro, pode-se afirmar que o cenário econômico que se desenha para o segundo semestre é bem menos incerto do que vinha sendo desde o ano passado. E esse cenário se caracteriza por um misto de boas e más perspectivas.

Na ótica mais positiva, os dados sobre o setor de serviços, divulgados pelo IBGE, confirmam a tendência de

O ciclo econômico-político

Em todo país democrático, o calendário eleitoral é um elemento de impacto sobre a economia. Não é diferente no Brasil.

Por conta do ambiente político polarizado, 2022 deverá ser um ano em que essa relação entre o cenário eleitoral e o econômico poderá ser particularmente sensível.

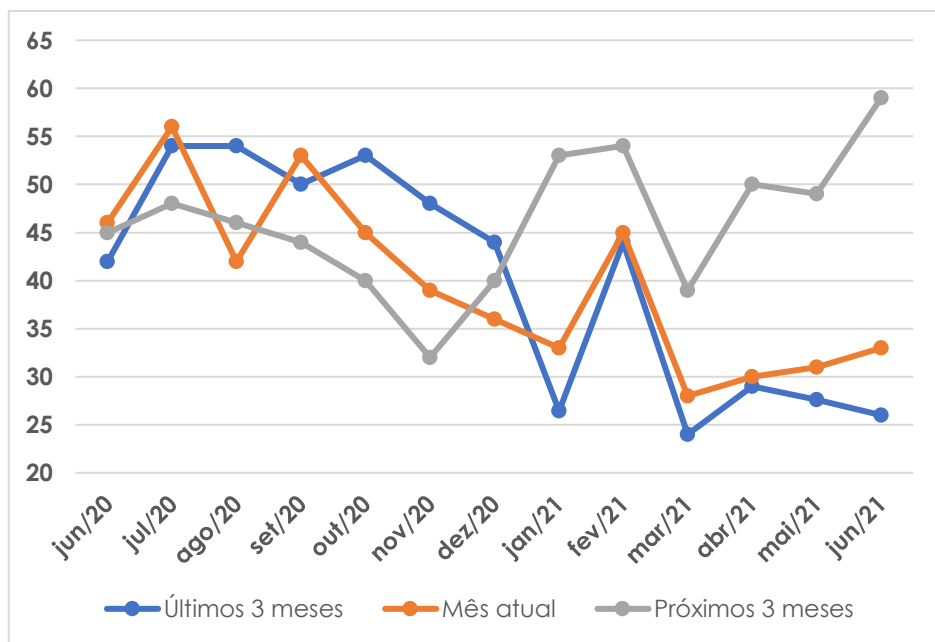
Esse deve ser um dos fundamentos das expectativas relativamente “mornas” para o crescimento no próximo ano (ver Tabela 1, ao lado).

Ainda que sujeitas a fortes incertezas, as projeções para 2022 aparentemente estão antecipando o adiamento de decisões de gasto, seja com bens de capital, seja com bens de consumo durável.

A questão que se coloca é: e as vendas de materiais de construção no varejo? Por se tratar de um gasto parcialmente adiável, as reformas prediais poderão sofrer mais do que os gastos em geral.

recuperação deste que é o maior empregador setorial da economia do país. Esse dado veio na sequência das notícias igualmente favoráveis relativas ao emprego formal. Assim, segundo o Ministério da Economia (Caged), em maio foram criados liquidamente 280 mil novos empregos formais em todo o país. No ano, já são mais de 1,2 milhão de postos de trabalho criados liquidamente. A síntese do ambiente econômico atual está contida nos resultados do IBC-Br, indicador de atividade do Banco Central, que acumula alta de 6,6% no ano até maio.

Gráfico 6. Brasil: Percentual de assinalações de crescimento nas vendas no mês de referência das pesquisas do Termômetro



Fonte: Tracking ANAMACO.

Elaboração: FGV-IBRE.

Esse movimento favorável deve estar contribuindo com a trajetória da avaliação dos varejistas quanto às vendas do mês corrente que têm melhorado de forma lenta e contínua desde março (ver Gráfico 6).



Mas, também há nuvens escuras no horizonte. A mais relevante se refere à inflação persistente, concentrada em produtos essenciais como alimentos, que reduz o espaço no orçamento das famílias para maiores gastos com materiais de construção. O mesmo tema inflacionário também possui uma face setorial relevante: a elevação expressiva de alguns materiais, como vergalhões, produtos de PVC e material elétrico, dentre outros, um fenômeno que também deve estar tendo impacto negativo sobre a demanda no varejo setorial. Infelizmente, não há sinais de que essa alta de preços venha a ser revertida nos próximos meses, fato que deve conter o desempenho das vendas.